18.

curadoria:
Jurandy Valença

18.
Habitar a paisagem
Flavia Fabbriziani
5 de agosto a 5 de setembro de 2026

18.

Sobre a 18.

A 18 é uma galeria de arte contemporânea com uma seleção de artistas renomados e em ascensão, de diferentes vertentes, estilos e suportes.

Desde seu início, preocupa-se em criar e expandir relações dentro do mundo da arte, seja com os artistas, clientes ou espectadores, que encontram na 18 um ambiente receptivo, diferente da hostilidade hermética vista em outras galerias.

Seu time, com diversos artistas representados, oferece vários tipos de experimentações resultando em uma pluralidade visual e cultural que poucos locais possuem.

Habitar a paisagem

"Imóvel, a pintura precisa, por assim dizer, criar seu próprio movimento".

Friedrich Wilhelm Joseph Schelling

No livro "Sobrevivência dos vagalumes", Georges Didi-Huberman (1953) apresenta uma defesa e uma reflexão sobre a persistência e a resistência da criação em tempos de escuridão. Tendo como inspiração os pensamentos de Pier Paolo Pasolini (1922-1975) acerca da imagem dos vagalumes, o filósofo francês contrapõe a luminosidade descontínua, errante e frágil, desses pequenos insetos ao brilho dominador dos dispositivos de poder, do espetáculo e da homogeneização cultural. Se para Pasolini os vagalumes haviam desaparecido diante da violência do mundo contemporâneo, Didi-Huberman propõe outra leitura: eles continuam existindo, ainda que sua luz seja tênue, intermitente e exija um olhar atento para ser percebida.

Essa "sobrevivência dos vagalumes" propõe, portanto, uma dimensão ética do olhar. Ver é aprender a reconhecer os pequenos lampejos que persistem na arte, na história e na natureza. Um acontecimento visual que resiste ao excesso de imagens e devolve ao olhar a possibilidade da contemplação. No livro, somos ofertados com novas maneiras de compreender a experiência da imagem, e de que, também, possamos voltar o nosso olhar para aquilo que é aparentemente descontínuo, insignificante. A metáfora não deixa de encontrar ressonâncias no aqui e agora, em um mundo saturado pelas velocidades dos acontecimentos, inundado por um tsunami de dados, pelo excesso de imagens e informações que, ao invés de clarear, ofuscam. Os artistas, quiçá tanto quanto os vagalumes, preservam a potência de anunciar outros modos de habitar o mundo.

Memórias sedimentadas

Esse pensamento me permite aproximar e refletir sobre a pintura de Flavia Fabbriziani, cuja produção pictórica parece situar-se precisamente nesse território onde a imagem não busca inicialmente impor uma presença absoluta, mas criar por intermédio de acúmulos de matéria, apagamentos,

camadas espessas de tinta, espaço, luz, transparências e matizes com diversas nuances de cores, um campo de atenção para aquilo que parece permanecer em permanente estado de negociação. A natureza, as paisagens presentes em sua obra não correspondem necessariamente à tradição da paisagem como descrição do visível ou do registro topográfico, mas operam por outros modos de pensar e pintar, como se acessassem memórias sedimentadas.

Suas pinturas sugerem estados de transformação contínua, mas sem romper completamente com aquilo que foram ou o que são. A paisagem, então, deixa de ser apenas um lugar geográfico e transforma-se numa condição da percepção. Deixa de ser cena para tornar-se acontecimento. Ela reivindica – ao meu ver – uma "ecologia da percepção", lembrando aqui do estadunidense James Jerome Gibson (1904-1979), eminente psicólogo e um dos maiores teóricos sobre a percepção visual. Assim como os vaga-lumes emitem lampejos que escapam à lógica das iluminações totalizantes, a pintura de Flavia Fabbriziani constrói pequenas zonas de luminosidade que exigem um olhar demorado, desacelerado e onde nada nela se entrega de imediato. Parece que ela nos convoca a estabelecer um outro regime de atenção. A natureza e a paisagem para a artista não são apenas um cenário, mas também uma arqueologia subjetiva, uma geografia da memória que abriga camadas, vestígios do tempo.

A tinta como a carne do mundo

A pesquisa e a produção artística de Flavia se aproxima conceitualmente e esteticamente da fenomenologia do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961). Para ele, a pintura não copia o mundo, mas participa de sua própria formação. O pintor (o artista) revela aquilo que o filósofo chamou de "a carne do mundo": uma densidade, uma espessura comum entre o sujeito (que pensa) e o objeto (a natureza); entre o olhar e a matéria, entre o corpo e a paisagem. Na pintura de Flavia Fabbriziani, a natureza e a paisagem assumem o papel de ser um espaço de pensamento; e nela percebe-se uma amálgama e, ao mesmo tempo, uma dissolução das fronteiras do que é representado.

As formas vegetais, minerais e atmosféricas nunca aparecem completamente estabilizadas. Entre espaços naturais e aqueles que simulam a natureza, que criam simulacros, a artista [re]cria uma imaginação materializada em uma vegetação tropical, árvores, uma corrente ou um espelho d'água, crescimento, decomposição, erosão, flores, fogo, folhas, galhos, luz, pedras, regeneração, terra e vento. De certa forma, ela aborda uma dimensão mais íntima dessa experiência, aquela que Gaston Bachelard (1884-1962) chamou de imaginação material. Para ele, a imaginação não nasce da abstração, mas da conexão profunda com os elementos fundamentais da matéria: a água, o ar, o fogo e a terra. Cada um deles desperta uma

memória ancestral do corpo, uma poética que antecede qualquer elaboração racional.

O fluxo polimorfo

O problema da relação entre o artista e a natureza sempre foi atravessado por sua dimensão empírica. Afinal, é a partir da experiência prática**,** da observação direta ou na coleta de dados no mundo real (ou não, visto as ferramentas de Inteligência Artificial) que ele cria. E a pintura é um dispositivo canônico em uma hierarquia de meios artísticos que teve, durante séculos, a paisagem como um gênero muito apreciado e difundido. Nesse sentido, a obra de Flavia Fabbriziani toca uma questão central das artes visuais contemporâneas: como representar a natureza depois da exaustão da ideia clássica de paisagem?

Cabe, destarte, ao artista adotar um novo, um outro repertório visual para descrever, a um só tempo, o que ocorre na arte, na natureza, na paisagem e na passagem (aqui me refiro ao tempo) que abrigam, em si, seu próprio "fluxo polimorfo". Termo que surge na filosofia estética, com base nas ideias de Friedrich Schelling (1775-1854) para descrever a natureza como algo vivo e em constante mutação do mundo, lembrando o seu famoso discurso "Sobre a relação das artes plásticas com a natureza", de 1807.

Flavia, em sua investigação da natureza e da paisagem na pintura, procura em suas obras não apenas representar paisagens identificáveis, nem traduzir a natureza em imagens ilustrativas. Se equilibrando entre a abstração e a figuração, ela instaura – também – a possibilidade de nos apresentar a natureza demiúrgica do ser humano. Tentar romper com a verossimilhança ou assimilá-la? Rasgar a representação? Vislumbrar um "horizonte hermenêutico" ? Expressão cunhada pelo filósofo alemão Hans-Georg Gadamer (1900-2002), que se refere ao conjunto de crenças, culturas, experiências e linguagens que formam o contexto no qual interpretamos o mundo.

Talvez a função do artista seja sempre se interrogar sobre suas próprias questões, suas certezas e dúvidas. E talvez a maior contribuição de Didi-Huberman, retomando o começo desse texto, seja deslocar a questão da imagem para a questão do olhar. O problema não é saber se ainda existem vagalumes; o problema consiste em perguntar se ainda somos capazes de percebê-los, de ver a luz que emitem mesmo na noite mais escura. Afinal, nunca devemos esquecer que a paisagem não está só diante de nós. Estamos dentro dela.

Jurandy Valença



Artista: Flavia Fabbriziani
36387145, 2025
Técnica mista sobre tela
156 × 156 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
36387148, 2025
Técnica mista sobre tela
156 × 156 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
36387154, 2025
Acrílica sobre tela
156 × 106 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
36387155, 2025
Acrílica sobre tela
156 × 106 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Anthologia I, 2026
Assemblage
26 × 26 × 6 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Anthologia II, 2026
Assemblage
26 × 26 × 6 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Anthologia III, 2026
Assemblage
26 × 26 × 6 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Anthologia IV, 2026
Assemblage
26 × 26 × 6 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Anthologia V, 2026
Assemblage
26 × 26 × 6 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Anthologia VI, 2026
Assemblage
26 × 26 × 6 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Domus I, 2025
Técnica mista sobre tela
82 × 82 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Domus II, 2025
Acrílica sobre tela
82 × 82 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Domus III, 2025
Acrílica sobre tela
87 × 87 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Domus IV, 2025
Acrílica sobre tela
82 × 82 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Domus V, 2025
Acrílica sobre tela
87 × 87 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Domus VI, 2025
Acrílica sobre tela
87 × 87 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Entre candeias, 2025
Acrílica sobre tela
153 × 153 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Entremeios, 2026
Acrílica sobre tela
153 × 153 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Guardados do tempo, 2025
Acrílica sobre tela
153 × 153 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Nexus, 2026
Acrílica sobre tela
152 × 152 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Prelúdio, 2026
Acrílica sobre tela
99 × 132 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Prismal, 2026
Acrílica sobre tela
152 × 152 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Tessitura, 2026
Acrílica sobre tela
152 × 152 cm

18.



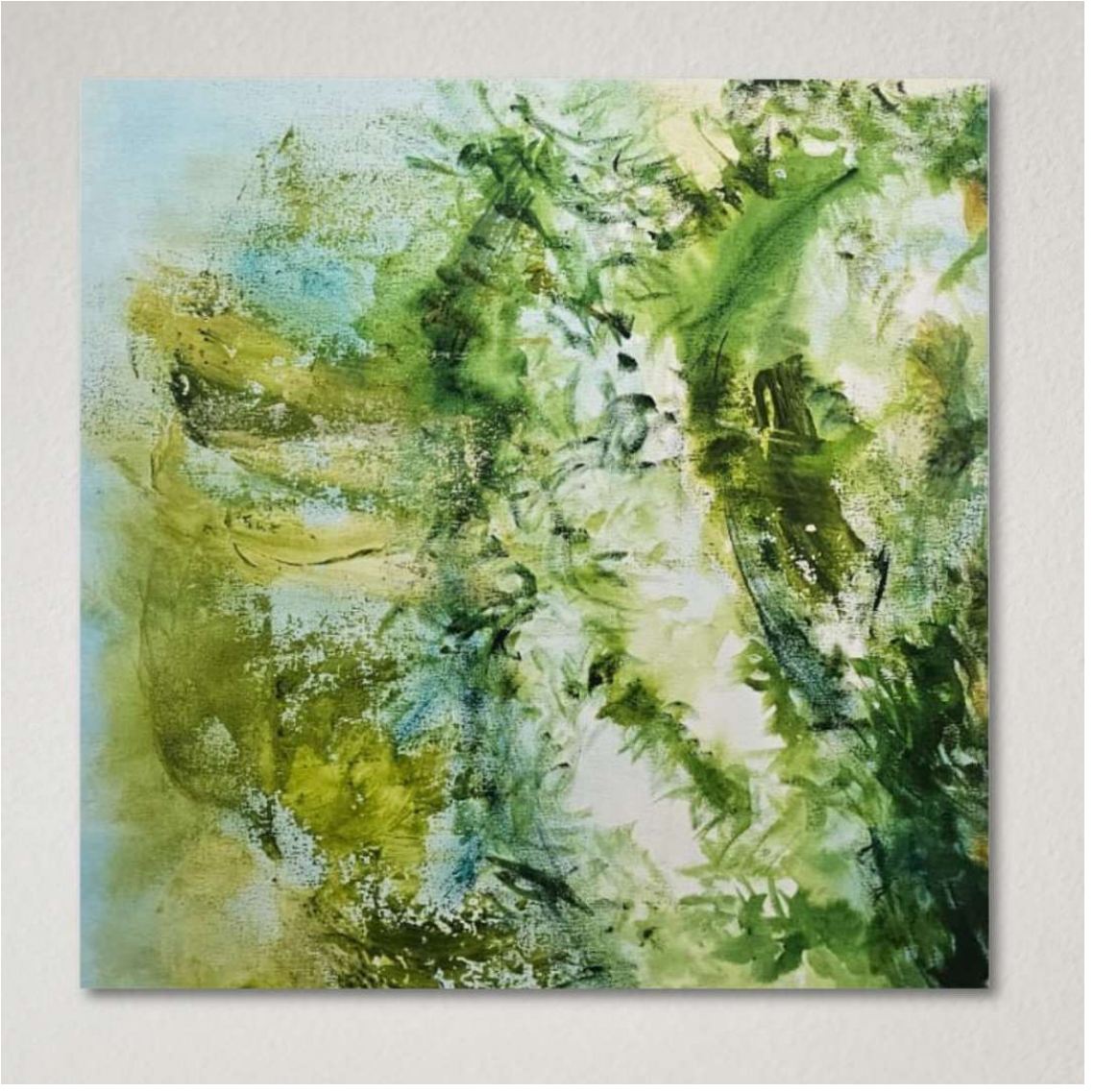
Artista: Flavia Fabbriziani
Travessia, 2026
Acrílica sobre tela
153 × 153 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Youkali, 2026
Acrílica sobre tela
70 × 280 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Youkali, 2026
Acrílica sobre tela
70 × 70 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Youkali, 2026
Acrílica sobre tela
70 × 70 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Youkali, 2026
Acrílica sobre tela
70 × 70 cm

18.



Artista: Flavia Fabbriziani
Youkali, 2026
Acrílica sobre tela
70 × 70 cm

18.

18.

RUA SIMPATIA, 23 · VILA MADALENA · SÃO PAULO
GALERIADEZOITO.COM | @GALERIA.DEZOITO
+55 11 98990-6236